

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Silvia de Oliveira Zono - Turma B

“A contribuição da leitura para o “bem pensar”

Monografia elaborada como exigência parcial para obtenção de Aprovação no curso de Fundamentos de Uma Educação Para o Pensar da Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão, sob a orientação da Profª Drª Neide Barbosa Saisi.

Maio 2009

Dedicatória

Dedico esta Monografia primeiramente a Deus que me deu a vida como o maior presente. Também à minha família, pelo apoio incondicional as minhas escolhas e por propiciar um lar onde me foi permitido crescer e me desenvolver. Por ter me ensinado sobre compromisso e responsabilidade, como herança os valores que muito contribuirá para a minha prática e meu sucesso profissional.

Agradecimentos

Quero expressar o meu reconhecimento a todos que de alguma forma ajudaram na execução deste trabalho, cada um representando uma peça importante na minha vida.

- aos meus familiares, principalmente, ao meu marido e meu filho que me ajudaram de forma direta e indireta na conclusão do curso.
- à professora orientadora Dr^a Neide Barbosa Saisi faço um agradecimento em especial por ter contribuído para explicitar o caminho para a elaboração deste trabalho.
- e acima de tudo a Deus que me guiou até aqui e zelar^á por mim por toda minha vida.

Ler é Prazer, Ler é Crescer

“A leitura não depende da organização do tempo social, ela é como o amor, uma maneira de ser. A questão não é de saber se tenho tempo para ler ou não (tempo que, aliás, ninguém me dará), mas se me esforço ou não a felicidade de ser leitor.”

Daniel Pennac

RESUMO

Este estudo pretendeu revelar do ponto de vista teórico/prático o quanto o exercício da leitura contribui para o desenvolvimento do pensar do aluno. Neste sentido, foi feito um levantamento teórico que trata do “bem pensar” nos autores ZILBERMAN, SILVA, LAJOLO, MENEGASSI, SOARES, SOLE e KLEIMAN. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, por meio de questionário aplicados a seis professoras em uma escola municipal, em uma cidade no interior do estado de São Paulo, próxima à capital, para responder à pergunta “Qual a contribuição do professor para o desenvolvimento da leitura de seus alunos? Compreendendo-a como fator do “bem pensar”. Concluiu-se que existe uma incoerência entre o que o professor afirma e o que as teorias explicitam quando tratam do fenômeno do “bem pensar”, visto que a falta de formação adequada do professor dificulta para que ele possa desenvolver um trabalho de qualidade.

Palavras-chave: educação para o pensar, hábitos de leitura.

ABSTRACT

This work comes about how the work with the reading can influence the development of the students in an education to think. Students still suffer with the work of reading in schools, which even having gone through a phase of modernity, still remain, as a basis for their work in obligatory read and endless and repetitive questionnaires. In the first chapter we see how happens the formation of the reader with a brief history of how the legislation and the path of education had been changed in recent years, and its direct influence in schools. The second chapter broach the question of the attitude of the teacher at school as a mediator of knowledge and how their big influence could change the way to see and understand the world, and can make the students take a critical view of the world around them or simply live without seeing. The next chapter deals about the questionnaires conducted with teachers who provide rich information about the work of teachers in the classroom compared with their training and their school life, allowing us to note how there were little change in practice even as the current proposals of education. In the fourth chapter we talked about the pleasure of reading and thinking and how it can work in our favor allowing students to find in reading the way for the improvement of ideas and encouraging habits of healthy reading. Finally we see as our job as educators can be essential for an education to the thinking where excruciating techniques can be left side giving space to develop friendly school seeing the difference between the meaning and significance.

Key words: education for thinking, habits of reading.

Sumário

Introdução	09
1. O que é o "bem pensar"	13
2. Formação do leitor	18
3. O professor como mediador	24
4. Questionários e suas reflexões	38
4.1 Análise dos dados.....	40
5. O prazer da leitura e o pensar	45
Conclusão	49
Referências Bibliográficas	50
Anexos – Questionários originais	51

INTRODUÇÃO

Como professora de língua portuguesa, tenho me preocupado com a qualidade reflexiva do alunado, uma vez que a disciplina de minha responsabilidade propiciou o evidenciamento das dificuldades em compreender o que ele lê, escreve, pensa e no seu desinteresse pela leitura. Ressalto que o desinteresse notado, ao longo de meu trabalho, tem sido constante, o que me levou a levantar a hipótese de que sua causa pode produzir a ausência de um pensamento característico de um “bem pensar”. Mais ainda, que o desinteresse do aluno pela leitura tem em sua base uma ação pedagógica precária. Neste sentido, acredito que a leitura seja a base para um desenvolvimento para o “bem pensar”.

Esta pesquisa busca por meio da revisão bibliográfica de autores experientes encontrar as respostas às questões mais relevantes sobre a leitura e o gosto por ela. A leitura é a base para conseguir uma visão crítica da sociedade, mas não somente uma leitura qualquer, e sim quando for significativa e com grau elevado de compreensão e entendimento do texto, o que permite que o leitor possa interligar os conhecimentos anteriores à nova leitura estabelecida.

Esta monografia trata de como o trabalho com a leitura pode influenciar no desenvolvimento dos alunos numa educação para o pensar. Os alunos ainda sofrem com os exercícios de leitura dentro das escolas, que mesmo tendo passado por uma fase de modernidade mantêm, ainda, como base de seu trabalho a leitura obrigatória e questionários intermináveis e repetitivos. Portanto, o objetivo geral deste estudo é:

Propor uma reflexão para o educador, com a finalidade de que ele desperte para a relevância de seu trabalho pedagógico na contribuição de uma atitude positiva de seus alunos, em relação à leitura, como recurso ao “bem pensar”.

Tem como objetivos específicos:

- Elaborar uma teoria que explicita o significado do que seja “pensar bem” fundamentada nos autores que discutem esta temática: ZILBERMAN, SILVA, LAJOLO, MENEGASSI, SOARES, SOLE e KLEIMAN.

- Identificar nas afirmações do professor o que ele faz pedagogicamente

para contribuir com o desenvolvimento da leitura de seus alunos

- Cotejar os dados de campo (afirmações dos professores) com os dados teóricos elaborados.

- Refletir sobre os achados buscando os significados presentes no cotejamento elaborado.

METODOLOGIA

Para identificar o fazer pedagógico do professor no que diz respeito à sua contribuição para o desenvolvimento do interesse de seu aluno em relação à leitura, foi realizada uma pesquisa qualitativa de campo.

Entende-se pesquisa qualitativa como sendo exploratória, ou seja, estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Ela faz emergir aspectos subjetivos e atinge motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. É usada quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação do pesquisador partindo de questionamentos.

Utilizou-se como instrumento um questionário anexo com respostas livres por meio do qual o professor - sujeito pode expor suas idéias sem alternativas ou influencias diretas.

A técnica de análise foi análise de conteúdo das respostas e a interpretação consistiu na comparação com as ideias dos autores estudados e que propõem como deveria ser feito o trabalho da leitura em sala de aula.

No primeiro capítulo abordamos o que é o bem pensar e formas de pensar que podem ser trabalhadas nas salas de aula dentro das atividades cotidianas.

No segundo capítulo vemos como ocorre a formação do leitor.

O terceiro capítulo aborda a questão da postura do professor na escola como mediador do conhecimento, em cuja posição ele propicia situações que oportunizam o aluno a construir o seu conhecimento. Reflete sobre como sua influência pode modificar a forma de o aluno ver e entender o mundo propiciando-lhe

uma visão crítica sobre seu contexto.

O capítulo seguinte trata da apresentação e análise dos dados do professor. Esta análise implicou comparar os achados com as teorias elaboradas no 1º, 2º e 3º capítulos fornecendo ricas informações sobre o trabalho dos professores em sala de aula comparando-o com a sua formação e sua vida escolar, Tal análise e interpretação nos permitiram notar como houve pouca mudança na prática, mesmo com as propostas atuais da educação.

No quinto capítulo falamos sobre o prazer da leitura e o pensar, e como isso pode trabalhar a nosso favor possibilitando aos alunos encontrar na leitura o caminho para o aprimoramento das ideias e estimulando hábitos de leitura saudáveis.

Por fim, vemos como o nosso trabalho como educadores pode ser fundamental para uma educação para o “bem pensar” substituindo técnicas angustiantes de ensinar por outras que favorecem do aluno.

O indivíduo, em especial a criança, somente poderá desenvolver uma habilidade para ser um bom leitor quando conseguir prazer no próprio ato de ler. E sendo assim, devemos esperar que a escola possa atingir o objetivo de despertar o gosto para que possa evoluir na direção esperada.

Partindo do princípio que a escola trabalha com uma infinidade de tipos textuais e que nela devemos manter certa ludicidade, entendemos que não pode ser tão complicado encontrar o equilíbrio entre a ludicidade e a reflexão.

Há muitos contrastes em nosso mundo com grande desenvolvimento científico e tecnológico e nele vemos muita angústia, mas também felicidade dentro das diversidades humanas. Uma coisa podemos notar em comum aos bons leitores, que o conhecimento do homem e o entendimento das relações sociais é facilitado quando o indivíduo tem a seu alcance o conhecimento literário que permita ampliar o entendimento de nosso progresso com humanidade. Ler, nos abre as janelas do mundo e permite que possamos aproveitá-lo de forma intensa e imensa.

Ressaltamos que neste trabalho há certas citações que nos mostram a necessidade para a formulação de um novo paradigma educacional frente à relação do pensar e as ações educacionais. Assinalaremos através do trabalho a prioridade sobre a educação para o pensar acima dos conteúdos memorizados,

frequentemente trabalhados nas escolas.

Ao longo da história percebemos grandes desafios na educação, e um deles tem sido o de contribuir com uma educação para o pensar. Para isso temos o professor como peça fundamental na mediação necessária para a implantação desta forma de atuar com os alunos. O professor não como mediador de um conteúdo decorado, e sim de um pensamento elaborado e entendido.

A pesquisa bibliográfica para este assunto torna-se essencial, visto que importantes conceitos devem ser entendidos antes de entrar no assunto diretamente, já que novas palavras podem trazer enganos que devem, sem dúvida, ser evitados.

1. O bem pensar

O “bem pensar” é a base de um trabalho educativo efetivo. Para entendermos o que é o “bem pensar” precisamos ver o que vários autores explicam sobre o assunto, iniciamos com uma explicação básica, pois para alcançar a razoabilidade, cada um deve de ser racional, ou seja, ser um indivíduo capaz de fazer julgamentos apropriados e saudáveis conforme as circunstâncias em que vive. Assim, para se aproximar desse objetivo, ao cabo de sua escolaridade, a criança e o jovem deveriam encontrar a razoabilidade em todos os aspectos da escola: na relação professor-aluno; nos textos; nas disciplinas; nos testes; nos métodos e assim por diante.

Em especial centramos o nosso trabalho na influência da leitura para o desenvolvimento do “bem pensar”. As crianças possuem suas próprias experiências como qualquer ser humano, as quais devem ser consideradas e compreendidas na escola, para que a partir da sua experiência escolar elas possam encontrar o significado na sua vida cotidiana.

Como vemos na visão de Lipman as pessoas realmente precisam é de aprender como pensar adequadamente e a partir da autonomia de poderem por si mesmas, articulando razões, argumentos e ajuizamentos. A partir do desenvolvimento das habilidades de pensamento, cada qual deve então, alcançar níveis superiores na elaboração do pensar. Assim, quem pensa bem, passa a agir segundo o mesmo nível de qualidade do pensamento que elabora.

"Pensar é o processo de descobrir ou fazer associações e disjunções. O universo é feito de complexos (não há, evidentemente, realidades simples) como as moléculas, as cadeiras, as pessoas e as idéias, e estes complexos têm ligações com algumas coisas e não com outras. O termo genérico para associações e disjunções é relacionamentos. Considerando que o significado de um complexo encontra-se nos relacionamentos que este tem com outros complexos, cada relacionamento, quando descoberto ou inventado, é um significado, e grandes ordens ou sistemas de relacionamentos constituem grandes corpos de significados."(LIPMAN, 1995. p. 33).

Outros autores, como Chauí, explicam o pensar quando expõem que,

“...pensar e pensamento sempre indicam atividades que exigem atenção: pesar, avaliar, equilibrar, colocar diante de si para considerar, reunir e escolher, colher e recolher. O pensamento é, assim, uma atividade pela qual a consciência ou a inteligência coloca algo diante de si para atentamente considerar, avaliar, pesar, equilibrar, reunir, compreender, escolher, entender e ler por dentro.” (...) “O pensamento é a consciência ou a inteligência saindo de si (“passeando”) para ir colhendo, reunindo, recolhendo, os dados oferecidos pela percepção, pela imaginação, pela memória, pela linguagem, e voltando a si, para considerá-los atentamente, colocá-los diante de si, observá-los intelectualmente, pesá-los avaliá-los, retirando deles conclusões, formulando com eles ideias, conceitos, juízos, raciocínios, valores. (Chauí in Lorigori, 1994, p.153).”

Deval explica de forma muito clara como o pensar bem influencia nas atividades cotidianas, citando ainda a importância das escolas em sua estrutura básica quando explica que,

“A capacidade de pensar se desenvolver naturalmente quando se vive em um meio social adequado e é necessário para essa vida em sociedade, já que, para participar normalmente desse contexto, é preciso pensar. O que ocorre é que a capacidade de pensar, sobretudo de pensar abstratamente, pode ser desenvolvida, estimulada, aperfeiçoada, o que requer certo treinamento, e aí entra a escola e toda a educação formal. Às vezes as instituições educacionais não contribuem para o incremento da capacidade de pensar tanto quanto seria possível, o que se deva a razões de caráter social e à função que a educação tradicionalmente desempenha em nossa sociedade, que com frequência não se preocupa com a melhoria dessa capacidade de pensar.” (Delval in Lorigori, 1997, p.14).

Nas salas de aula podemos encarar “o pensar bem” com várias formas de entender como este pensar deve ser desenvolvido, iniciando como o pensamento autônomo onde o aluno passara a ser o autor de suas ideias dando sua opinião e seus pontos de vista sobre os assuntos abordados. O pensamento reflexivo é aquele que dá a possibilidade de pensar de novo sobre um assunto discutido tendo a oportunidade de criar momentos especiais para esta prática tão pouco utilizada devido a dinâmica social da atualidade. O pensamento crítico onde

oportunizamos momentos de expressar sua opinião livremente, problematizando situações pouco conhecidas que devem ser mais exploradas e discutidas.

Todos os autores concordam que para o bem pensar precisamos dedicar tempo a pensar, estimulando situações que promovam o raciocínio e discussão podendo explorar os assuntos de muitos pontos para que cada um possa ter a sua visão e tudo isso tem início na infância com incentivo à leitura de forma organizada e inteligente e não maçante.

2. Formação de um leitor

O ensino no Brasil sofreu várias reformulações na direção de uma concepção de homem e na formação de um cidadão crítico, reflexivo, autônomo, que pudesse influenciar a sociedade. A LDB de 96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, muito influenciou na regulamentação da lei para que a mudança fosse possível. Desta forma, como a regulamentação que em 98 foi apresentada com as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, base curricular para a nação unificar e elevar a qualidade de ensino junto com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Todas estas reformas buscaram atender as necessidades de atualização da educação básica de maneira que o ensino das séries iniciais fosse realmente fundamental para um bom processo educacional.

Para que o processo educacional, até o fim do ensino médio, possa alcançar as expectativas é extremamente necessário que um eficiente trabalho de base seja realizado. Desenvolvendo durante todo o processo uma grande variedade de conteúdos programáticos essenciais para a contextualização dos conhecimentos, mas ainda é da escola a tarefa de formar leitores e não somente do professor de Língua Portuguesa, mas de todos os professores. É essencial ainda que a leitura seja vista como instrumento de apropriação de conhecimento e de instrumento que possibilite aos alunos atitudes reflexivas sobre os assuntos abordados.

Muito se ouve falar sobre a questão de estimular o aluno a aprender a aprender, mas ainda deve ser trabalhado a questão do pensar. Sobre isto e também sobre criar suas

opiniões acerca do que está sendo aprendido e como isso pode influenciar sua vida. O treino à leitura e à escrita não podem ser questões que se encerram em si mesmas e sim o ponto de partida para uma vida de entendimento das informações.

O entendimento das Diretrizes Educacionais mostram que devemos ultrapassar a fronteira das notas que em várias instituições são os norteadores das atividades e dos conteúdos que serão ministrados, este ponto também deve ser levantado, pois sua influência e relevância na atitude do professor pode ser delimitada pela cobrança da escola unicamente para com o conteúdo programático.

A formação do leitor deveria ser feita basicamente na escola, com grande influência da família, claro, mas basicamente na escola, já que este deve ser o espaço especializado para a formação dos educandos.

Em minha prática pedagógica tenho observado que as escolas, de modo geral, iniciam os seus trabalhos para com a leitura com textos simples e sem estímulos e quando o aluno aprende a ler, muitas vezes já ficou cansado de textos sem graça. Não basta saber ler ou ter textos bons se estes não forem trabalhados de maneira inteligente. Os textos muitas vezes estão escondidos dentro dos livros didáticos e são mantidos como recursos de respostas para um questionário padrão.

O uso de questionário padrão torna-se repetitivo e desinteressante desta forma tais atividades costumam impedir sua exploração como cita LAJOLO quando diz que,

“...a mera inclusão de textos tidos como bons e superiores entre textos escolares não soluciona nenhuma das faces da crise da leitura. Pois a presença de um excelente texto num manual pode ficar sem contrapartida, qual seja, o texto tido como bom pode ser diluído pela perspectiva de leitura que a escola patrocina através das atividades com que ela circunda a leitura.”(LAJOLO p.45)

A leitura continua sendo a melhor fonte de informação e formação para qualquer aluno e/ou adulto em qualquer situação, pois dela dependem as informações que possibilitam a todos o entendimento das diferentes partes do mundo e de todas as fontes da ciência e cultura.

Toda e qualquer criança que entra em contato com o mundo passa a conceber ideias sobre o que há em seu redor e para isso é necessário que ela tenha as informações necessárias a seu alcance e que faça de suas experiências fonte de aprendizagem. Sobre isto

Telma Weisz no curso de formação aos professores “Letra e Vida” sobre alfabetização, explica que, “as crianças, antes de aprender a ler e escrever, constroem ideias e distinções que parecem estranhas aos nossos olhos alfabetizados.” (M1U6T4) Não só essa construção é para a leitura e a escrita, como também para a leitura do próprio mundo que passa a tomar uma forma diferente na medida que o conhecimento amplia seus subsídios podendo correlacionar dados e interpretá-los de formas distintas.

A criança cria suas próprias ideias sobre o que os livros contêm, podendo fantasiar e alterar o que eles os textos informam efetivamente. Neste sentido ela, a criança, interpreta o texto podendo a cada dia dar um sentido diferente ao livro que conhece podendo mudá-lo conforme sua necessidade ou vontade. Sobre a interpretação do leitor Telma Weisz quando explica que, “uma das ideias mais surpreendentes construídas pelas crianças no início de seu contato com o mundo da escrita é a distinção entre “o que está escrito” e “o que se pode ler”.” (M1U6T5) À medida que seus recursos de leitura se aprimoram ela passa a definir o que há em cada texto, de modo mais objetivo, essa objetividade não elimina no leitor a capacidade de imaginação.

Para ler, devemos gostar de ler, gostar como fonte de prazer para obter e entender como cita LAJOLO quando afirma que,

“A discussão sobre leitura principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação da leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê.” LAJOLO 108

Gostar de ler envolve mais do que gostar de uma história ou de um assunto, significa ter prazer em obter informações que permitam interligar todo o conhecimento e evoluir no sentido de que o interesse desperta e amplia não só o vocabulário como o conhecimento de mundo.

É por isto que, gostar de ler permite manter conversas animadas e não fechadas em um único foco, como os que só gostam de esporte e somente entendem as palavras, “ganhar” e “perder” numa pobreza de informações sobre o próprio clube e sua história.

A escola, por meio do professor, é a responsável por toda esta articulação entre texto e leitor, assim poder aprender a interligar os conteúdos e torná-los interessantes.

O planejamento é peça fundamental para o processo de ensino e aprendizagem,

não esquecendo que este processo não tem direção certa e nem é unilateral. Ele deve ser um conceito constante como forma de ensino entre todos e aprendizagem entre todos de maneira regular e organizada. Sem um bom planejamento estaremos sem rumo e sem objetivo preciso o que dificultara alcançar o objetivo de formar um leitor.

A autora também considera as ações pedagógicas como parte importante do trabalho do professor, pois esta não deve ser intuitiva nas suas atividades diárias. Elas devem ter objetivos claros perante as metas a serem alcançadas e cita que, “*o que fazer com o texto literário em sala de aula funda-se, ou deveria fundar-se, em uma concepção de literatura muitas vezes deixada de lado em discussões pedagógicas.*” LAJOLO 12. A própria literatura é mais do que histórias soltas e textos independentes, podemos saber sobre os autores e os momentos em que tais textos foram escritos.

A diversidade de fontes onde encontrá-los, assim como a diversidade de temas dentro da literatura deveria contribuir de forma crucial sobre o vínculo que o aluno criará com a leitura, pois o professor tem um vasto e rico campo de onde extrair material pedagógico. Desta forma na sua vida adulta a leitura poderá continuar fazendo parte de um hábito como prazer e como aquisição de conhecimento. “A importância da literatura infanto-juvenil como disciplina a ser incluída no currículo de formação do professor é parte da questão da formação do professor na língua materna.” LAJOLO 17

A formação do leitor não pode ser somente a construção de um significado para um texto, ou o entendimento codificado do conjunto de letras, faz-se necessário que os alunos passem a entender não somente as formulas decoradas, mas sim e acima de tudo o entendimento e a compreensão do que está sendo lido formando a sua opinião, o que possibilita que adote uma postura frente ao conhecimento e possa ser transportado para a vida prática, visto que tão importante quanto o ler e o entender é possibilitar para que esta leitura permita exercer a sua cidadania e assim fará parte do mundo e depois do mercado de trabalho.

Quando os alunos pegam um texto ele não pode ser somente voltado para as informações curriculares que deles podem ser extraídas, o aluno também deverá observar que por trás do texto há um autor, em um contexto, em um tempo, com suas experiências e é o conjunto destas informações que poderão complementar o conhecimento do aluno dando-lhe a oportunidade de compreender melhor o que o texto informa.

Os muitos textos que serão trabalhados durante a vida escolar, devem servir para que os alunos possam formar suas opiniões e visões, a leitura crítica contribui intensamente

para gerar significados que, ao ler, forneçam novas informações. Desta forma o aluno, em sua opinião, poderá concordar ou discordar, das ideias do autor e assim formar o seu entendimento sobre qualquer assunto que venha a ser discutido. Por muito tempo a simples reprodução das informações existentes num texto foi considerada interpretação de texto, pior que isso é a aceitação que a cópia de parte do texto possa ser considerada como resposta e ainda como questão entendida pelo aluno.

Formar um leitor passa a ser entendido como aquele que não somente apresenta uma leitura estritamente centrada no sentido das palavras como aquela que também possibilite ao leitor criar, opinar e repensar sobre o que foi lido. Facilita ao aluno o entendimento do mundo quando a escola proporciona textos que possam ser encontrados dentro e fora da escola.

Torna-se fundamental que o leitor durante a sua formação possa construir o conceito da valorização da própria leitura e do ato de ler em si, que tanto poderá ser dentro ou fora da sala de aula. Passa a ser a escola mais um espaço de leitura e não só o único, como ainda ocorre em muitos lugares e com vários alunos.

“o ensino da leitura é um empreendimento de risco se não estiver fundamentado numa concepção teórica firme sobre os aspectos cognitivos envolvidos na compreensão de texto. Tal ensino pode facilmente desembocar na exigência de mera reprodução das vozes de outros leitores, mais experientes ou mais poderosos do que o aluno” .(KLEIMAN 1998,p.61)

Como cita Kleiman é importante que o professor mantenha muito claro o foco do que deve ser estudado, já que se o professor não mantiver o rumo do pensar, poderá ser facilmente confundido como o entender um texto ou ainda o de somente ler. Sem querer poderá deixar de lado a formação do leitor crítico para o pensar, voltando a um ensino comum.

Os Parâmetros Curriculares consideram habilidades e competências, “o ensino da Língua Portuguesa, hoje, busca desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura.” (BRASIL, 2002, p.55) o leitor é formado na infância e daí em diante a leitura fará parte das mais diversas situações de sua vida diária. Despertar as habilidades que permitam a utilização de mecanismos que aprimorem o seu senso crítico e seu pensamento pode fazer a diferença entre a atividade estudantil e a atividade que dará início a uma vida de entendimento e opinião.

Formar um leitor que pense e possa recriar a leitura requer uma prática que precisa ganhar mais espaço dentro das escolas, visto que será com essa ação que a criança e depois o adulto compreenderá o mundo. Os leitores durante a sua formação precisam ter uma diversificada gama de gêneros e portadores de textos variados, assim como ter acesso a outras fontes de informação como rádio, televisão para aumentar seus conhecimentos possibilitando pensar sobre assuntos que darão significado a sua própria realidade.

“...faz tempo que não se sabe qual é a formação necessária ao professor de língua materna, porque também não se tem claro a função da escola no que se refere à competência linguística que o aluno deve dominar ao abandonar os bancos escolares.” LAJOLO 18

Pode-se não saber exatamente como formar um professor para que seja capacitado plenamente a um trabalho que possibilite os alunos uma formação integral e completa quanto a leitor competente. Mas o que temos claro é da necessidade iminente de mudança dos currículos dos formadores quanto aos conceitos e a forma de trabalho que deve ser desenvolvida. A formação mais completa não é só a que dá informações e sim aquela que possibilita o professor de pensar e agir de maneira a desenvolver as atitudes e o pensamento dos alunos, que devem ser críticos e autônomos.

3. O professor como mediador

O professor mediador intervém entre o aluno e o conhecimento de forma a facilitar o entendimento das áreas para que cada aluno construa seu conceito e conhecimento. O professor deve ser o mediador das letras em suas formas para as “letras” em seu sentido real, da união de um som para o sentido da informação, de um simples som para um sentimento, o professor em sua atitude de mediador poderá revelar o mundo aos alunos ou deixá-los na escuridão.

O ponto de partida do trabalho com a leitura se constitui em trabalhá-la dentro do contexto social onde o aluno está inserido, assim os alunos podem entender o que leem para se comunicar, adquirir conhecimentos, ampliar seu entendimento sobre as questões relevantes ao mundo que os rodeia. Os alunos, mesmo nas séries iniciais, têm papéis sociais e entendimentos sobre suas atitudes e sentimentos que podem ser trabalhados e entendidos.

Há nas escolas um fluxo contínuo de livros enviados por entidades governamentais a fim de incentivar a leitura nas escolas, as políticas educacionais vêem esta como uma necessidade essencial e crescente. Mas a formação dos professores ainda não foi bastante aprimorada para um trabalho de todo satisfatório.

Não basta trazer obras de qualidade para que o professor consiga criar uma compreensão crítica dos textos e livros, como explica a autora quando cita que, “alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita.” (SODRÉ,1998,p.47) quando alfabetizamos os alunos com textos de qualidade possibilitamos a formação do leitor completo, podendo e devendo, claro, oportunizar a apreciação de peças teatrais, leituras poéticas entre outros recursos literários.

Encontramos também dentro das escolas públicas muitas organizações não governamentais que investem em projetos para a distribuição de livros, tanto de qualidade literária, como literatura que tenha por si só um caráter lúdico, visando prender a atenção dos novos leitores e incentivando o gosto e prazer pela leitura. Todos estes subsídios são muito válidos, desde que não desviem o professor do foco da leitura para o entendimento e para o pensar.

O livro didático fornecidos pelo governo no Programa Nacional do Livro

Didático, das escolas públicas, geralmente, tem textos muito pobres em qualidade e o professor necessita dos reforços literários externos para contribuir em sua formação de qualidade, não esquecendo o contexto social onde o aluno está inserido e podendo relacionar e contextualizar a leitura à sua vida. “Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas.” (LAJOLO 15) Esta simples frase completa bem a ideia da contextualização do aluno no social.

Formar um leitor crítico é uma tarefa árdua por parte do professor, quando este tenciona promover e desenvolver a habilidade de adquirir uma leitura que seja significativa. Um currículo mais aprimorado e voltado para uma leitura para o pensar contempla todas as disciplinas, abordando temas e conteúdos como um reflexo da sua vida cotidiana. Desta forma a leitura contribuirá também para a formação dos conhecimentos do aluno, sua formação moral e o fará descobrir a cultura que o rodeia e que encontrará ao longo de sua vida. A leitura significativa acrescenta o despertar para o entretenimento e o prazer.

“Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.” (BRASIL, 1997, p.36)

A leitura não pode ser encarada como obrigação e nem deve ser vinculada a um trabalho comprobatório, deve ser incentivada como exercício prazeroso. É a postura do professor que passará a ideia e o gosto pela leitura e ainda poderá desenvolver o pensamento dos alunos para textos diversos, podendo apresentá-la como base fundamental à formação da criança.

Desta forma como o autor afirma,

“...o leitor proficiente faz escolhas baseando-se em predições quanto ao conteúdo do livro. Essas predições estão apoiadas no conhecimento prévio, tanto sobre o assunto (conhecimento enciclopédico), como sobre o autor, a época da obra (conhecimento social, cultural, pragmático) e o gênero (conhecimento textual). Daí ser necessário que todo programa de leitura permita ao aluno entrar em contato com um universo textual amplo e diversificado.”(KLEIMAN, 1998, p.51)

Ao aluno deverá ser disponibilizadas as oportunidades para integrar-se ao universo textual, proporcionando vários tipos de textos que circulam socialmente, para

adquirir autonomia e escolher o tipo de texto que mais se encaixa com o seu gosto ou com as suas necessidades. Não basta ler somente o que se gosta, também devem desenvolver-se estratégias e recursos de leitura que facilitem o seu envolvimento e a sua compreensão, facilitando a sua abordagem, que como cita a autora:

“...quando falamos de estratégias de leitura, estamos falando de operações regulares para abordar o texto. Essas estratégias podem ser inferidas a partir da compreensão do texto, que por sua vez é inferida a partir do comportamento verbal e não verbal do leitor, isto é, do tipo de respostas que ele dá a perguntas sobre o texto, dos resumos que ele faz, de suas paráfrases, como também da maneira como ele manipula o objeto: se sublinha, se apenas folheia sem se deter em parte alguma, se passa os olhos rapidamente e espera a próxima atividade começar, se relê...”(KLEIMAN, 1998, p.49)

As estratégias que se utilizam para o trabalho com a leitura dão aos alunos a oportunidade de adquirirem familiaridade com os textos, criando seu modo mais confortável para entrar em contato com a leitura e facilitando sua compreensão. As estratégias citadas pela autora são importantes, mas não garantem ainda um bom trabalho em sala de aula se a postura do professor não oportunizar uma boa ligação com o leitor, entrando aí a sua ação mediadora.

Os educadores atuais propõem o uso da leitura e a exploração de suas estratégias para a formação de um leitor que pensa e entende a leitura,

“...é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem, que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, que verifiquem suas suposições.” (BRASIL, 1997, p.56)

A visão do aluno sobre um texto se modifica à medida que o tempo passa, já que ele aumenta as suas experiências e aprimora os recursos como leitor. O professor deve trabalhar os recursos de leitura e são as interferências dele e a forma como se porta que fará a diferença aos alunos. O aluno na medida em que se intera com a leitura agrega a ela a sua própria cultura, dando a sua opinião ao tema exposto, na medida em que o mediador incentiva. O professor como mediador cria situações nas quais os alunos possam ler seus textos, percebendo assim as diversas opiniões e percebe-o como fonte inesgotável de informações e formador de conceitos.

O professor passa a tomar posição para que a leitura possa ser realizada em sala

de aula e em locais adequados para cada tema, um professor que contribui para a criação de espaços na escola para a leitura, já está, com seu exemplo, dando um grande passo incentivando a leitura e assim, contribuindo ativamente para a formação do aluno crítico.

A atitude do professor é fundamental para a qualidade das aulas, iniciando esta mudança na forma como o aluno é alfabetizado, vemos que na

“Teoria empirista – que historicamente é a que mais influenciando as representações sobre o que é ensinar, quem é o aluno, como ele aprende e o que e como se deve ensinar – se expressa um modelo de aprendizagem conhecido como de “estímulo-resposta”. Esse modelo define a aprendizagem como “a substituição de respostas erradas por respostas certas”. A hipótese subjacente a essa concepção é a de que o aluno precisa memorizar e fixar informações, as mais simples e parciais possíveis e que devem ir se acumulando com o tempo. O modelo típico da cartilha está baseado nisso.” TELMA WEISZ (M1U2T5)

O aluno não é desafiado a construir seu conhecimento de forma a aproveitar seus conhecimentos e suas hipóteses sobre a leitura e a escrita, esta postura do professor já é por si só, uma postura que inibe qualquer iniciativa do aluno, o que desestimula a formar e dar sua opinião sobre qualquer assunto. Até porque o professor parte do princípio de que o aluno não sabe nada e somente o professor pode dar conhecimento. Ele ainda acredita que este conhecimento deve ser dosado na medida em que o aluno possa “absorver” o conhecimento que o professor destina.

Durante muitas gerações este pensamento empirista foi sustentado e os próprios professores formaram-se e alfabetizaram-se desta forma, muitos trabalham repetindo o modelo de como aprenderam e de como foram alfabetizados, sustentando a teoria de que se foi bom para eles deverá ser bom para seus alunos.

Ler é um ato muito complexo, e este não pode ser resumido a simplesmente passar os olhos sobre o escrito, é uma tarefa mais complexa que requer vários recursos unidos numa ação interpretativa, ainda não foi possível chegar a um consenso de como exatamente se realiza o ato de ler. Ao propor uma leitura aos alunos devemos levar vários fatores em conta, visto que não podemos exigir algo que não se é capaz de realizar. O processo da leitura engloba a habilidade do leitor, o objetivo da leitura, o conhecimento prévio e o que esperamos dela.

Alcançar o desenvolvimento para que o aluno seja um leitor crítico exige

empenho e esforço tanto do professor quanto do aluno. É fundamental que se entenda que não se aprende a ler “só para aprender a ler”, e sim para atender as necessidades de cada um de autonomia e independência.

O aluno não poderá chegar a este ponto sem desejo e estímulo para andar em seu progresso. O aluno precisa sentir-se estimulado a desenvolver uma prática de leitura constante, pois ele vai se deparar com situações que requerem raciocínio e aprendizagem. Para ler os alunos precisam pôr a prova todas as suas estratégias de leitura para que possam abrir uma grande gama de ligações de conhecimento, permitindo que mergulhem nas mais diversas áreas de conhecimento.

Dentro das escolas torna-se urgente a necessidade de formar um leitor crítico, já que atualmente o rendimento de determinados alunos é marcado pelo fracasso, por estes não serem bons leitores, em consequência disto não sabem interpretar textos presentes em todas as áreas de conhecimento e em nosso cotidiano. Quando o aluno alcança um bom nível de leitura ele passa a ter melhor desempenho em todas as matérias escolares.

A escola deve preparar o aluno para o mundo e não só para “textinhos” escolares como explica o autor,:

“...o leque de objetivos e finalidades que faz com que o leitor se situe perante um texto é amplo e variado: devanear, preencher um momento de lazer e desfrutar, procurar uma informação concreta; seguir uma pauta ou instruções para realizar uma determinada atividade (cozinhar, conhecer as regras de um jogo); informar sobre um determinado fato (ler o jornal, ler um livro de consulta sobre a Revolução Francesa); confirmar ou refutar um conhecimento prévio; ampliar a informação obtida com a leitura de um texto na realização de um trabalho...” (SOLE, 1998,p.22)

A escola mostra a leitura, mas ela deve sempre explicitar como a importância de dominar este instrumento pode facilitar a sua vida em tantas situações distintas. Assim como ampliar a gama de textos que deva trabalhar, desde textos informativos a contas de banco, entre outras.

O professor das séries iniciais precisa também ser um modelo de usos da língua escrita e apresentar para os alunos como esta faz parte de sua vida e não somente de seu discurso, assim: “O professor de Português dispõe de uma noção ampla de linguagem, que inclua seus aspectos sociais, psicológicos, biológicos, antropológicos e políticos. Ele deve ser usuário competente da modalidade da Língua Portuguesa.” LAJOLO 21, pois somente quem

usa pode ser competente o suficiente para apresentá-la de maneira eficiente a seus alunos.

A postura do professor frente à apresentação dos textos é essencial para seu sucesso, pois não poderá somente ser em pequenas partes como se o nosso entendimento fosse fracionado e sim em textos completos e interessantes que estimulem a leitura sem transformá-la em uma obrigação pesada e enfadonha. O autor explica da seguinte forma,:

“A passo de cágado, o leitor fornece passivamente respostas a estímulos a fim de contentar as exigências das provas bimestrais e “ai de quem não ler!”. A passo de cágado, de série para série, de ano para ano, e na monotonia curricular cotidiana, interrompe paulatinamente e a pauladas a morte da curiosidade do leitor.” (SILVA,2003,p.12)

está seria uma maneira muito triste de trabalhar dentro das salas, pois não daria aos alunos a menor oportunidade de criar nenhum vínculo com a leitura.

Os professores, de modo geral, partem do princípio que a sua graduação é suficiente para sua atuação, principalmente quando a sua atuação é dirigida às séries iniciais, assim ele para de buscar novas formações e acaba por entrar em um círculo vicioso do qual torna-se mais difícil sair a cada ano. Os professores devem manter-se atualizados em cursos, em leituras clássicas e atuais, assim como em informações sobre o mundo. Somente um professor atualizado pode estimular os alunos com temas atuais e estimulantes, “o repertório de leitura do professor ou parou no tempo por falta de condições de atualização, ou nunca se formou ao longo de sua própria escolaridade.”(idem p. 33)

As escolas e seus dirigentes devem estimular também a formação dos professores para que estes tenham o tempo e as condições necessárias para uma formação contínua e duradoura. Somente quando há uma preocupação com o aprimoramento do professor dentro da escola é que podemos perceber se realmente há uma mudança de postura em sala e com os alunos, pois:

“Quando se tenta sair de um modelo de aprendizagem empirista para um modelo construtivista, as dificuldades de entendimento às vezes são graves. De uma perspectiva construtivista, o conhecimento não é concebido como uma cópia do real, incorporando diretamente pelo sujeito: pressupõe uma atividade, por parte de quem aprende, que organiza e integra os novos conhecimentos aos já existentes.” Telma Weisz (MIU2T5)

O conhecimento depende de como será usado para que o mesmo seja relevante ou não, um aluno crítico que entende os textos e a ligação entre os conhecimentos será mais

autônomo e independente. Para que este desenvolvimento seja efetivo a postura do professor torna-se essencial.

Muitos estudiosos estudam formas de chamar a atenção da leitura nas escolas e entende esta como uma necessidade fundamental a qual os professores devem estar atentos, pois este será o meio pelo qual os alunos desenvolverão de maneira eficiente as habilidades para alcançar diversos campos de conhecimento.

Os alunos devem desenvolver as habilidades para a compreensão do mundo e o professor deve facilitar este caminho, os “...desafios a serem enfrentados pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente...” (SOLE, 1998, p.32) o compromisso que o professor assume ao enfrentar esta tarefa é altíssimo, pois é dele a responsabilidade de que o aluno passe a agir com autonomia dentro desta sociedade letrada em que vivemos, trazendo grande desvantagem aos não letrados.

Várias questões devem ser levadas em consideração, os professores devem ter em mente o próprio currículo escolar baseado nos PCNs, que como o autor cita, tem a seguinte visão,

“Considero que o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, naturalmente das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la. Estas propostas não representam o único nem o primeiro aspecto; considerá-los de forma exclusiva equivaleria, em minha opinião, a começar a construção de uma casa pelo telhado” (SOLE, 1998, p.33).

O professor dentro da Unidade Escolar tem a incumbência de ensinar a ler e o professor deve ser o mediador deste saber. ZILBERMAN (1993) ressalta que a escola somente alcançará seu objetivo quando puder resgatar a sua função original de ensinar de maneira integral a todos.

A própria leitura é o segredo para uma efetiva alfabetização, então alfabetizar em essência é “...um processo através do qual as pessoas aprendem a ler e a escrever...”(SOLE, 1998, p.50) mas não se resume a decodificação de símbolos, vai ao *entendimento explícito e implícito das palavras e do conhecimento.*

Definitivamente todos estes processos ultrapassam a linguagem escrita indo a alcançar a superação da linguagem oral também, pois ela se aprimora na medida em que a

leitura é utilizada de forma frequente.

“O domínio da leitura e da escrita pressupõe o aumento do domínio da linguagem oral, da consciência metalinguística (isto é, da capacidade de manipular e refletir intencionalmente sobre a linguagem), e repercute diretamente nos processos cognitivos envolvidos nas tarefas que enfrentamos” (SOLÉ, 1998, p. 50).

Não podemos, no entanto, deixar de lado a instrução formal da escola e do professor na área escrita, visto que a linguagem oral se desenvolve naturalmente desde a infância. Eventualmente os professores procuram aprimorar uma escrita que ainda não está aprimorando na fala, o que dificulta resultados positivos.

A fala dos alunos reflete a comunidade onde está inserido, desta forma o aluno pode, “...requerer um auxílio de um adulto, de um meio social, que ajude a criança em um processo de aprendizagem que ocorra na interação educativa..” (SOLE, 1998, p. 51) A leitura torna-se essencial ferramenta para o professor aprimorar a fala e ampliar a capacidade de entendimento da própria leitura num movimento crescente e dependente.

Os alunos que necessitam do professor como mediador deste processo de dependência no desenvolvimento da leitura, contribuem ativamente para uma alfabetização e oralidade mais elaborada, e assim tornam-se ao mesmo tempo adultos mais competentes no uso da fala.

O professor não pode simplesmente ver o ato de ler como um fator isolado dentro da sala, pois a leitura está e estará intimamente ligada à própria alfabetização dos alunos. Como o autor define,

(...) O domínio da linguagem falada e da leitura e da escrita (...). Uma pessoa alfabetizada tem a capacidade de falar, ler e escrever com outra pessoa e a consecução da alfabetização implica aprender a falar, a ler, e a escrever de forma competente. (idem p.50)

A criança a partir dos seis anos começa a ter uma visão mais apurada do mundo da escrita, a professora pode trabalhar a leitura desde a infância, pois os alunos precisam aprender a distinguir a leitura de histórias de livros infantis, da leitura de jornais ou de outros livros. A criança mesmo sem ler pode entender o que é uma leitura de regras de um jogo, nestas leituras iniciais deve-se levar em conta mais a qualidade do que a quantidade.

Interagir com o meio mesmo sem saber ler, interagir com a leitura é necessário para desenvolver um bom leitor e este sem dúvida é o papel do professor. De acordo com

Vigostky a interação com o meio propicia o desenvolvimento do sujeito.

Quando o professor começa a trabalhar com a leitura, além de explorar o entendimento, ele também trabalha a interação do aluno com a escrita, pois um início favorável propicia um bom desempenho futuro:

-Aproveitar as perguntas das crianças sobre o sistema para aprofundar sua consciência metalinguística, o que permitirá introduzir as regras de correspondência.

-Aproveitar e aumentar seus conhecimentos prévios em geral, para que possam utilizar o contexto e aventurar-se no significado de palavras desconhecidas.

-Utilizar integrada e simultaneamente todas essas estratégias em atividades que tenham sentido ao serem realizadas. Só destas meninas e meninos poderão se beneficiar da instrução recebida (SOLE, 1998, p. 62).

Um sucesso no trabalho com a leitura tem início nos primeiros passos da escola. O professor propicia uma boa interação com a leitura de maneira a conquistar um terreno favorável para uma leitura efetiva. A fim de proporcionar uma construção dos conhecimentos que venham a ser necessários para abordar as diferentes etapas da aprendizagem da leitura.

“O texto escrito esteja presente de forma relevante na sala de aula - nos livros, nos cartazes que anunciam determinadas atividades (passeios, acontecimentos), nas etiquetas que tenham sentido (por exemplo, as que indicam a quem pertence um determinado cabide, ou as que marcam o lugar onde devem ser guardadas as tintas) e, não de forma indiscriminada. Também implica que os adultos... (usem a língua escrita quando seja possível e necessário diante delas (para escrever um bilhete para os pais, transmitir uma mensagem para outra classe, etc.)” (SOLE, 1998, p. 62).

A prática da leitura desde a infância pelo professor que chama a atenção para os textos escritos em todos os espaços dá ao aluno a oportunidade de gostar dos pequenos textos dando a eles a importância que tem em cada momento. Permitindo que a criança possa entender desde os pequenos recados, contribuindo para a construção da sua escrita e assim podendo depois desenvolver a leitura sem grandes dificuldades.

A escola, e o professor no centro do processo, é o lugar onde os alunos não só aprendem a ler como podem aprender o uso prático da leitura, para isso o professor começa mostrando aos alunos como devemos encarar a leitura, segundo o tipo de texto, e o que

podemos esperar de cada um. Mostrando as diferenças entre os textos e explicando como antecipar as informações contribuimos para um entendimento maior e assim há mais interesse pela própria leitura, pois ela não é uma incógnita a ser descoberta e sim um complemento de seu próprio saber.

Os recursos e técnicas de leitura que o aluno desenvolve na escola contribuem para um leitor crítico e completo. O hábito da leitura é desenvolvido na sua própria prática. Infelizmente muitos adultos não desenvolveram o hábito da leitura e são adultos que não vem utilidade nela, restando a escola fazer todo o trabalho para reverter este quadro dentro das escolas.

A falta de hábito da leitura influencia diretamente no desenvolvimento econômico e social de um país e o professor tem que estar muito consciente desta consequência para colocar-se no papel de responsável para contribuir contundentemente nesta mudança. “É o treino, o desembaraço, a assiduidade e a motivação do leitor que fixarão este hábito e transformarão o ato de ler numa experiência ao mesmo tempo agradável e condutora do conhecimento” (ZILBERMAN,1993,p.108). A escola preocupando-se com este panorama, passa a elaborar diversas estratégias para contribuir com o leitor habitual.

O professor tem livros didáticos que contribuem para dirigir o seu trabalho, mas deve ter claro que estes livros mostram um ponto de partida para textos mais complexos e que permitam aos alunos um entendimento mais amplo dos assuntos tratados. Os livros didáticos muitas vezes investem em leituras a troca de notas ou bônus por trabalho realizado, esta não pode ser a postura que o professor adquira como efetivo, pois a leitura deve ser agradável e não condicionada a prêmios nem a retribuições ligadas somente a atividades escolares.

O professor em seu caminho de educador para a leitura para o pensar deve levar em consideração uma linha de trabalho que possa alcançar todas as etapas para obter sucesso junto aos alunos.

As etapas e fases da aprendizagem devem ser respeitadas objetivando um trabalho completo com os alunos, entre elas encontramos a decodificação, compreensão, interpretação e retenção. Todas culminando a uma leitura crítica do mundo.

A decodificação entendida como sendo a essencial para transformar os símbolos a um significado e significante, não é a simples transformação de letras em palavras e sim que esta palavra tenha diferentes significados em cada contexto. Sem o entendimento do significante, a simples decodificação não pode ser entendida como superada. Somente quem

entende o escrito de forma aplicado pode dizer que decodificou completamente.

A compreensão do texto não anda independente da decodificação e sim em conjunto, compreender é captar os pontos principais, entender suas regras textuais e linguísticas, podendo atribuir novos significados as palavras. Neste ponto mesmo uma palavra desconhecida dentro de um texto entendido pode ser aprendida sem necessitar, obrigatoriamente, a utilização de um dicionário, pois ela passa a ser entendida dentro do contexto.

A interpretação centra-se na habilidade do leitor em julgar o que leu dando sua impressão sobre o texto e sua opinião sobre o assunto tratado.

“O leitor, ao compreender, faz uso de seus conhecimentos anteriores, que se interligam aos conteúdos que o texto apresenta. No momento em que o leitor alia os conhecimentos que possui aos conteúdos que o texto fornece, ele amplia seu cabedal de conhecimentos e de informações, reformulando conceitos e ampliando seus esquemas sobre a temática do texto”. (MENEGASSI, 1995, p. 88).

O aluno que pode interpretar explicita a sua habilidade de relacionar seus conhecimentos prévios em vista do novo texto, esta habilidade ainda é a mais frágil entre os adultos o que os exclui do mundo letrado.

Ainda encontramos a capacidade de retenção que permite o armazenamento de informações na memória de longo prazo, mas esta retenção somente poderá ocorrer se estiverem bem desenvolvidas as habilidades de compreensão e de interpretação juntas. A compreensão permitiu que o aluno escolhesse os pontos mais específicos de um texto junto com a interpretação que os entende e os relaciona aos conhecimentos anteriores, somando-os e arquivando-os, podendo retê-los junto a outros.

Nenhuma das fases citadas pode andar separadamente, uma depende da outra para que todas se aprimorem ao longo do tempo, mas seu desenvolvimento precisa ter início nas séries primárias.

O professor tem uma posição que precisa de constante reflexão para conseguir um trabalho de qualidade, a finalidade de seu trabalho sempre deve observar a formação de leitores competentes, esta formação possibilita a produção de escrita aprimorada e de uma oralidade de qualidade.

Vemos desta foram que a leitura é um processo onde o aluno inicia um constante

trabalho de construção de significados. Como vemos este processo não é somente a simples decodificação das letras e sim de uma atividade que implica em habilidades conjuntas.

“Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. Alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização (BRASIL, MEC, 1997, p.54).”

Entendemos que, a competência de um leitor será obtida pela prática diária da leitura, sempre procurando organizar o trabalho em meio à diversidade social e cultural onde o aluno está inserido. A leitura deve ser tratada como uma prática social completa, o professor pode transformar a leitura do cotidiano em objeto de aprendizagem.

O professor tem como grande propósito formar alunos capazes de entender os diferentes textos para isso deverá organizar o trabalho com a leitura para que possam aprender esta habilidade dentro das salas de aula e poder relacioná-las ao seu meio.

Este trabalho precisa ser dirigido de maneira a que o aluno não somente reproduza as palavras e informações de textos em livros didáticos, esta prática não permite descoberta e conhecimento, o conhecimento precisa ser entendido, discutido e recriado dentro de seu espaço relacionado-o à sua realidade.

Mesmo se os alunos convivem num grupo social com poucos hábitos de leitura a escola deve proporcionar um espaço favorável para um crescimento neste sentido. Já que esta poderá ser a única oportunidade de interagir significativamente com textos de qualidade que podem quebrar o círculo vicioso em que se encontra.

A escola pode ser a oportunidade de oferecer a leitura ao alcance das mãos, a leitura possibilita a aquisição de cultura, a cultura pode explicar muito do que se vê e não somente seu significado literal, e sim como mais importante o que há realmente por trás dela. Aluno que não leia não terá acesso à cultura, e sem boa leitura não poderá alcançar a formação de cidadão crítico.

Já há muito tempo os professores vêm sendo comparados a várias figuras

subjetivas, uma entre elas ainda é atual, os jequitibás e eucaliptos, realizada por Alves para determinar perfil do educador em suas atitudes, posturas e formas de trabalho em sala de aula e suas diretrizes norteadoras de suas atitudes.

O professor acima de tudo deve mostrar com sua atitude como modelo o que é ser um leitor que compreende e pensa, assim poderá ser um mediador entre os seus alunos e o mundo letrado.

4. Questionários e suas reflexões

Os questionários foram elaborados para perceber a relação entre a trajetória de formação do professor desde os primeiros anos escolares até o momento atual e a sua atuação em sala de aula.

Tenho como hipótese que a relação entre a experiência que o professor teve como aluno na infância e a sua atuação profissional poderá ter influência sobre a sua metodologia de trabalho. Acreditamos, ainda, que a formação do professor como especialista em educação contribui drasticamente para a mudança em sua atuação em sala de aula.

A maioria dos professores moldaram a sua metodologia conforme as suas experiências, porém acreditamos que o conhecimento sobre a área de atuação pode ser modificada e aprimorada quando houver formação específica para isso.

“A história mostra que as práticas sociais de leitura se transformam ao longo do tempo. Em apenas cinco séculos passamos da necessidade de copiar livros à mão para essa inundação de material impresso na qual estamos, quase, nos afogando. Houve mudanças impressionantes nas tecnologias de produção e difusão da escrita e, por conseqüência, nas práticas sociais de leitura. E também nas tecnologias de produção de texto. Hoje convivem o velho manuscrito, que atualmente sobrevive na escola, o texto datilografado, já praticamente inexistente, o impresso em uma variedade enorme de suportes e, se impondo cada vez mais com a disseminação dos computadores, o texto virtual, digitalizado.”
Telma Weisz (M3U6T7)

O mundo modificou muito o ponto de vista à forma e o acesso a leitura, e nos últimos anos modificou ainda mais a forma como a leitura pode ser desenvolvida, basta saber se os professores aproveitaram e atualizaram o seu conhecimento de maneira a acompanhar todo este desenvolvimento. Seria de esperar, teoricamente, que a maioria dos professores atualizasse a sua formação para continuar proporcionando aos alunos oportunidades satisfatórias de aprendizagem.

Quando o professor não aprimora o seu conhecimento perde de si a oportunidade de crescimento profissional, mas poda acima de tudo a oportunidade dos alunos de melhorar a educação que lhes é oferecida.

Os questionários apresentaram um pequeno perfil de professores de uma escola

municipal da grande São Paulo, que equivalente a grande maioria das unidades escolares da atualidade.

O reflexo deste questionário não poderá confirmar com certeza absoluta uma tendência nacional, mas pode dar uma clara visão do que ocorre de forma geral na educação na atualidade.

4.1 Análise dos dados

Neste ponto faremos uma análise das respostas dos seis professores procurando verificar nossas hipóteses e reflexões realizadas nos três primeiros capítulos:

1. O que é o bem pensar
2. Formação do leitor
3. O professor como mediador

Relembro que as categorias de análise já estavam presentes no questionário.

As subcategorias foram extraídas do material e nas descrições do sujeito. A interpretação da fala do sujeito foi indicada por letras de A a F.

✚ *Série em que leciona:*

As questões foram destinadas a professores do Ensino Fundamental das séries iniciais (de 1ª a 4ª) com o objetivo de perceber como é realizada a atividade educacional para o pensar.

✚ *Nível de escolarização:*

Dois dos seis professores não tem nível superior completo e nenhum tem pós-graduação, nem especialização em alfabetização ou formação específica para a leitura. A maioria (quatro) tem pedagogia e mesmo formados há algum tempo, não continuaram a sua formação.

✚ *1 – Hábito de Leitura*

Assiduidade: Duas das três professoras afirmam ser leitoras assíduas. No entanto Colocam restrições à própria assiduidade como por exemplo, a falta de tempo. Ilustra esta sub-categoria a seguinte afirmação.

“Sim, mas confesso que a falta de tempo tenha atrapalhado um pouco” (A e B)

Outras duas, simplesmente, afirmam não ler (c e d) e as duas últimas dizem apenas que “sim”. (E e F)

✚ *2 – Formação para a leitura*

A formação das professoras em direção à leitura de livros apresenta duas grandes

sub-categorias, cada qual com nuances diferenciadas, o que justifica a apresentação de todas as falas.

1º Sub-categoria: Sem incentivo:

Quatro, das seis entrevistadas, passaram por experiências pouco estimulantes em sua formação como alunas o que claramente não contribuiu para seus hábitos de leitura como adultas.

“Me lembro de ter contato na escola com livros infantis somente na 5ª série, onde ai então podíamos escolher livros na pequena biblioteca, e que na maioria das vezes era cobrado para algum trabalho. (resumo,seminário, etc.)”. (A)

“Não me lembro de como foi no primeiro grau. No segundo ciclo do fundamental (6ª e 7ª séries) me lembro da leitura por obrigação, para posteriormente realizar uma prova ou trabalho”. (B)

“Péssima, meus pais não me incentivaram e também o acesso a livros eram poucos”. (C)

“O pouco que eu lembro na escola que estudei tinha uma biblioteca. Nos íamos para lá e claro tínhamos contato com os livros eu sempre gostei de livros bem coloridos e com bastante figuras.” (E)

2º Sub-categoria: Incentivo da escola e/ou família.

Duas tiveram experiências diferentes, uma foi estimulada na escola e outra em casa pelos pais.

“Foi ótima, pois teve alguns professores que podiam para ler vários tipos de livros e assistir alguns filmes e fazer a interpretação deles”. (D)

“Tive bastante incentivo tanto na escola que estudei (particular), quanto dos pais em casa que tem o habito de ler”. (F)

Nenhuma delas (seis) citou esta influência como reflexo em seu trabalho, mas fica clara a ligação visto que as duas professoras que tiveram experiências positivas são leitoras assíduas até hoje.

3 – Como o professor trabalha com os textos.

A maioria das entrevistadas trabalha com a idéia de que pequenos texto e simples do ponto de vista do vocabulário são a melhor estratégia para trabalhar com os alunos nas

séries iniciais.

1º sub categoria: Estímulo e fala do professor

Quatro acreditam que seu estímulo e a sua fala será de influência suficiente para incentivar a leitura. Ilustra esta sub-categoria a seguinte afirmação:

“Através da leitura de pequenos textos, onde procuro discutir com a sala (interpretação oral); formação de textos com recortes e colagem de gravuras; texto coletivo (feitos na lousa) com diversas opiniões e corrigindo os “supostos erros” adequando-os a um texto convencional; ilustração dos contos, etc.” (A)

2º sub-categoria: Discussão dos textos

Em apenas duas situações há discussão dos textos trabalhados, mas como maneira de ajudar na interpretação do texto, em momento nenhum é suscitada a situação de contribuir com a formação do pensar.

“Dou aula de leitura, peço que explique o que entendeu, questiono qual a ideia principal da história, que relação tem a história com o cotidiano, se ele fosse o autor como escreveria e peço que o faça.” (E)

✚ 4 – Diferença entre o próprio processo de formação e a atuação já como professora.

A fala dos professores destaca a diferença na liberdade de expressão existente hoje e o que elas sentiram em sua educação. Elas foram podadas não sendo permitido falar nem expressar a sua opinião e hoje os alunos falam mais e podem dar opinião. Ilustra esta fala a entrevistada “C”.

“Muita diferença, pois na época que fiz o meu primário não se podia nem abrir a boca, imagine dar opinião então, era uma calamidade.”

Também destacaram a diversidade de material que os alunos dispõem como mais livros, revistas e material de pesquisa, havendo até acesso a informatização e internet para todos os alunos. Ilustra esta fala a entrevistada “E”.

“Sei que antes a escola era mais rígida, talvez por isso o aluno se esforçasse mais ou tivesse receio de se desenvolver por medo. Hoje o sistema é diferente, mais moderno, onde tudo está aberto às informações, o avanço tecnológico, isso é uma grande diferença.”

Em momento nenhum foi citado que a formação dos professores de maneira mais

especializada poderia ser o diferencial suficiente para que se possa contribuir para uma educação para o pensar.

✚ 5 – Mudanças para que a escola contribua com a formação de um leitor para o pensar.

1ª sub-categoria: Acredita estar no caminho certo:

Somente uma entrevistada acredita que estão no caminho certo e que a escola dispõe de espaços que devem ser mais explorados pelos professores, esta mesma entrevistada vê que os professores devem modificar as suas estratégias para poder desenvolver seus alunos de maneira mais específica. Como ilustra a fala da entrevistada (A).

“Acredito que já contamos com alguns recursos que com certeza contribuem muito como o despertar do gosto pela leitura. Estamos no caminho certo, utilizamos a biblioteca, temos informática (o que fascina as crianças), mas acho que deveríamos cobrar mais de alguns alunos que na maioria das vezes esperam tudo pronto, principalmente na interpretação da escrita”.

2º sub-categoria: Melhorar a estrutura das escolas

As outras, entretanto, acreditam que a estrutura das escolas deve ser melhorada para que possa existir um trabalho mais efetivo frente à leitura e a educação para o pensar.

“Ter uma biblioteca mais atraente” (C).

Nenhuma professora colocou em seus ombros a responsabilidade pela mudança da forma de trabalho.

Esta questão entra em certa contradição com a anterior. Quando os professores acreditam que, a escola deve ser mais completa para conseguir um bom trabalho, pois eles mesmos citaram na questão anterior. Mencionando em como hoje a escola é muito mais completa do que era e com mais liberdade de trabalho e expressão para os alunos, o que deixa evidente que não foram claras na percepção da questão em si.

✚ Comentários adicionais do entrevistado:

Nenhum professor acrescentou comentários adicionais. Algumas hipóteses podem ser aventadas, mas o material de que dispúnhamos não nos permitiram ir para além da constatação.

Após as entrevistas e a leitura do entrevistador, todos sem exceção perguntaram

se estava bom e se suas respostas eram as que gostaríamos de ouvir, esperando aprovação e mostrando não ter absoluta certeza se a sua metodologia de trabalho era a mais acertada.

✚ Reflexão geral das entrevistas:

Os professores esperam que as condições físicas contribuam diretamente com a qualidade educacional sem se dar conta que sua própria atitude pode ser fundamental para conseguir um diferencial sobre a educação para o pensar.

As entrevistas transcorreram de maneira tranqüila e descontraída, possibilitando aos entrevistados informações adicionais que contribuiram para uma visão mais ampla da forma como os professores encaram as situações educacionais abordadas neste trabalho.

5. O prazer da leitura e o pensar

Os professores organizam a sua atuação dentro dos objetivos que traçaram em seus planos anuais, dentro destes planos priorizaram a alfabetização incluindo a leitura como parte fundamental neste processo. Em momento nenhum foi levantada a situação de alcançar junto com os alunos situações de trazer o pensar como habilidade a ser desenvolvida dentro desta atividade, já que o entendimento está voltado frente à interpretação e não frente ao ato de pensar propriamente dito.

O próprio trabalho de incentivo a leitura somente será um sucesso quando o professor como leitor assíduo possa envolver os alunos no mundo das palavras e a partir daí podemos levá-los para o pensar, pois a parte mais complicada que envolve o gosto pela leitura já terá sido efetuado. “...para orientar a leitura o professor tem que ser leitor, com paixão por determinados textos ou autores e ódio por outros.” (SILVA p.14) podemos criticar e pensar sobre vários assuntos quando tivermos vários pontos de vista, o professor deverá proporcionar diversas situações para isso.

O professor não pode passar a ideia de que a leitura somente será utilizada e desenvolvida dentro dos muros da escola, este gosto e hábito deve ser cultivado para ser exercido além dos muros das escolas e do tempo de escolarização. Há seu tempo entendemos que as atitudes dos professores que levem ao pensar para ser usado de forma permanente e não como atividade resumida a um único dia como mais uma. “Como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola” (LAJOLO, p.7)

O trabalho começa no início da alfabetização, e o início não está centrada apenas nas séries iniciais, mas também em todo o caminho que ele percorre até chegar a elas, como explica a autora quando cita que,

“Para alguém ser capaz de ler com autonomia é preciso compreender o sistema alfabético, mas isso apenas lhe confere alguma autonomia. Qualquer um pode aprender muito sobre a língua escrita mesmo sem poder ler e escrever autonomamente. Isso depende das oportunidades de ouvir a leitura de textos, participar de situações sociais nas quais os textos reais são utilizados, pensar sobre os usos, as características e o funcionamento da língua escrita.” TELMA WEISZ (M1U2T5)

As oportunidades de conhecimento do sistema alfabético e do contato com a leitura ocorrem em muitas oportunidades ao longo da vida e a escola o que deve fazer é tentar otimizar este sucesso para que possa ser explorado da melhor maneira, após a exploração e o contato com vários portadores de texto e várias situações contraditórias e desafiadores poderemos claramente, contribuir com uma educação para o pensar de forma real.

Procuramos em sala de aula aproveitar o tempo de forma que seja de serventia para o desenvolvimento do aluno, somente quando podem explorar atividade com objetivos claros e dentro do propósito poderemos ter avanços efetivos.

“Se por um lado, é o que cada um já possui de conhecimento que explica as diferentes formas e tempos de aprendizagem de determinados conteúdos que estão sendo tratados, por outro sabemos que a intervenção do professor é determinante neste processo. Seja nas propostas de atividades, seja na forma como encoraja cada um de seus alunos a se lançar na ousadia de aprender, o professor atua o tempo inteiro.” TELMA WEISZ (MIU2T5)

Os alunos estão em sala de aula e podem ser receptivos ao nosso trabalho dependendo da forma como ele for apresentado. Em nossa trajetória educacional podemos ver como uma aula bem elaborada traz vantagens a todos, neste caso em particular teremos alunos encorajados a trabalhar e poderemos entrar eficazmente em atividades que contribuam para o pensar, com atividades de leitura e com situações desafiadoras.

A escola, muitas vezes, é a responsável por apresentar aos alunos literatura infantil e com ela estamos difundindo conceitos, comportamentos e maneiras de ver o mundo e encarar as situações, quando a educação dos pequenos for encarada para o pensar a simples história terá mais possibilidades do que um simples “final feliz” terá muitas vertentes e eles até poderão pensar em como seria a história se mudasse alguma coisa no meio do caminho, por exemplo, uma chuva no meio da história da chapeuzinho vermelho.

Ao mesmo tempo os contos de fadas têm sua própria finalidade para o desenvolvimento emocional equilibrado, mas podemos trabalhar com uma infinidade de textos e histórias para estas mudanças e atividades exploratórias.

“Na tradição brasileira, literatura infantil e escola mantiveram sempre relação de dependência mútua. A escola conta com a literatura infantil para difundir(...) (...)sentimentos, conceitos, atitudes e comportamentos que lhe compete inculcar em sua clientela.” (LAJOLO, p. 66)

A escola já modificou muito a maneira como explora os livros e os textos, mas podemos modificar e contribuir para como os alunos pensam, no que pensam, e no que podem pensar. A escola hoje em dia mudou a maneira como usa a leitura, assim como o comércio também modificou a maneira como vende e amplia a possibilidade de fornecer aos alunos e as escolas. Agora as escolas e os alunos consomem uma grande quantidade de textos de muitos tipos, mas eles ainda não são explorados a fundo e muitas vezes são banalizados, precisamos mostrar como podemos explorá-los de forma mais ampla.

A leitura para o pensar pode ser trabalhada em uma infinidade de situações e normalmente estas são desperdiçadas em tristes questionários interpretativos, repetitivos e monótonos.

“A atividade de leitura, que, em suas origens, era individual e reflexiva, transformou-se hoje em consumo rápido do texto, em leitura dinâmica que, para ser lucrativa, tem de envelhecer depressa, gerando constantemente a necessidade de novos textos.” LAJOLO 105

Um outro erro comum é acreditar que quando os alunos fazem do seu jeito estão construindo conhecimento, como se este fosse espontâneo. Uma atividade deve ser desafiadora e com conhecimentos a acrescentar, sem esquecer-se de seus objetivos. Que o aluno faça a versão dele não significa que não precisem de correção, aprimoramento e informações que enriqueçam o seu conhecimento permitindo evolução. Fazer de seu jeito não é deixá-lo no mesmo patamar, sem auxílio e sim dar-lhe a oportunidade de mostrar sua evolução dentro do assunto tratado. O professor deve mediar o conhecimento, mas não pode achar que deixar um livro a disposição fará por si o milagre do entendimento de seu conteúdo.

“Um erro que precisa ser evitado por suas graves conseqüências é o desvio espontaneísta: como é o aluno quem constrói o conhecimento, não seria necessário ensinar-lhe. A partir dessa crença o professor passa a não informar, a não corrigir e a se satisfazer com o que o aluno faz “do seu jeito”. Essa visão implica abandonar o aluno à sua própria sorte. E é muito importante que o professor compreenda o que significa, do ponto de vista da criança, o “vou fazer do meu jeito”. TELMA WEISZ (MIU2T5)

Os professores necessitam ter muito claro como e o que pretende ser desenvolvido. O trabalho da leitura para o pensar é mais do que ler o que está escrito. Torna-se fundamental que exista o entendimento sobre o escrito, seu significado e discutir então o seu significante. O significado e o significante têm uma grande distância entre si, entender e

compreender são questões diferentes e pontos fundamentais para a prática da educação para o pensar.

“Ao professor cabe organizar a situação de aprendizagem de forma a oferecer a informação adequada. Sua função é observar a ação das crianças(...) (...)intervindo sempre que achar que pode fazer a reflexão dos alunos... O professor funciona então como um espécie de diretor de cena ou de contra regra e cabe a ele montar o andaime para apoiar a construção do aprendiz.” TELMA WEISZ (M1U2T5)

O pensar passa a ser o centro do entendimento, da discussão da formação e da sua própria formação como indivíduo que possui opinião e pode criticar uma situação. Envolver o aluno em uma relação de prazer com a leitura e motivá-lo a momentos de reflexão, promovendo situações onde a questão do pensar possa ser o centro da formação e não um único momento durante o processo educativo.

Conclusão

Este trabalho apresentou as vantagens de como uma educação para o pensar pode trazer vantagens aos alunos e por consequência a toda nossa sociedade, visto que um aluno mais crítico será mais eficiente e eficaz em suas ações, e em seu desenvolvimento. Quando a leitura não é bem desenvolvida esta não permite que, o aluno e depois o adulto, possa usufruir das oportunidades que o mundo apresenta. O gosto pela leitura passando a ter prazer em ler deve ser estimulado pelo professor, o que poderá propiciar a assiduidade na leitura, contribuindo para o entendimento do mundo. O professor mediador em harmonia entre a leitura e o pensar propicia situações de ludicidade e reflexão, sendo este um caminho para a educação para o pensar. As atitudes do professor são fundamentais para o trabalho da educação para o pensar, como vimos nas entrevistas das professoras, a sua intenção pode ser das melhores, porém a falta de formação específica dificulta um trabalho de qualidade. Precisamos aprender a trabalhar dentro das escolas com uma formação mais especializada, como atitudes que modifiquem e aprimorem a educação dos alunos com uma educação para o pensar..

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes da Educação Nacional. Disponível em: <<http://www.mec.gov/legis/default.shtm>> Acesso em: 15.dez.2006.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnologia. – MEC; SEMTEC, 2002. (B)

KLEIMAN, Angela. Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura. 5 ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____, **Oficina de Leitura.** Campinas, SP: Pontes: Ed. Unicamp: 1993.

_____, Ângela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática.** 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1998.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo. Editora Ática. 2002.

LORIERI, Marcos Antonio. Visão Geral da Proposta de uma educação para o pensar.

MENEGASSI, Renilson José. As etapas do processo de leitura. UNIMAR, 1995.

_____, Renilson José. **Leitura e Construção de sentidos nos Livro Didático,** Anais da V Semana de Letras da fafijan, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro. A produção da leitura na escola. São Paulo. Editora Ática. 2003

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte. Autentica, 1998.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

WEISZ, Telma. Programa de formação de Professores Alfabetizadores. Letra e Vida. São Paulo, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2005. (Modulo, Unidade, Texto)

ZILBERMAN, Regina. Leitura em crise na escola: as alternativas do professor Porto Alegre: Maercado Aberto, 1993,

Nome:

Série em que leciona:

Nível de escolarização:

1 – Você se considera um leitor habitual?

2 – Como foi a sua formação escolar para a leitura?

3 – Como você estimula seus alunos à leitura para o pensar?

4 – Qual a maior diferença entre a sua atuação como professora em relação a forma como foi ensinada?

5 – Quais as mudanças que a escola deveria sofrer para contribuir com a formação de um leitor para o pensar?

Comentários adicionais do entrevistado:

Assinatura do Professor